

A ESCRITA EM SUPORTES DIFERENTES: FOLHA DE PAPEL E CELULAR*

Ednéia Aparecida Bernardineli BERNINI (PG-UEL)¹

RESUMO: Mesmo ouvindo-se um discurso de que os alunos não leem, nem escrevem, podemos observar que as leituras e escritas que fazem é que são diferentes daquelas esperadas, principalmente, por professores. Pensando nisso e motivada por algumas vozes de alunos sobre o uso do celular na escola, organizamos uma atividade com este equipamento eletrônico. Num primeiro momento foi proposto aos alunos que produzissem uma mensagem qualquer pelo celular e enviassem a um amigo; depois, produzissem uma mensagem seguindo um comando pela professora. Num segundo momento, foi proposto que eles reescrevessem a mesma mensagem, agora em outro suporte, folha de papel. Na sequência foi pedido para que os alunos analisassem a própria escrita, mediante conhecimentos linguísticos, e justificassem a diferença de escrita entre esses suportes. O objetivo foi que observassem as várias possibilidades da língua e a diferença de suas escritas conforme suportes diferentes, além de analisar o próprio domínio (ou não) da linguagem. Pudemos observar que o celular pode ser um recurso aproveitável em sala, tanto para comunicação entre os alunos – avisar de atividades desenvolvidas em sala para um aluno que tenha faltado, por exemplo; como para a produção escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. Reescrita. Análise linguística. Celular.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente, em muitas escolas, podemos contar com os mais diversos recursos didáticos, tudo que possa contribuir para o processo ensino/aprendizagem. Mas, mesmo com a utilização desses recursos, levando em conta as suas restrições, não serão resolvidos muitos dos problemas do ensino, se não forem acompanhados de uma adequação, desde a organização escolar até o papel do professor e da postura pedagógica que tem. Mesmo assim, ainda cabe ao professor a tarefa de mediar o processo ensino/aprendizagem e fazer com que os instrumentos pedagógicos (didáticos, midiáticos, tecnológicos) sejam utilizados a serviço do processo de construção do conhecimento.

A partir dessas considerações, justificamos que a relevância deste trabalho centra-se na reflexão sobre como os recursos tecnológicos podem ser aproveitados em uma atividade de produção escrita desenvolvida com os alunos. Procuramos contribuir também para uma reflexão da prática da função pedagógica do professor em relação aos recursos disponíveis.

Diante disso e estabelecendo como prática pedagógica a utilização da tecnologia, especificamente de um aparelho eletrônico, o celular, para formação competente de práticas discursivas de nossos alunos, levantamos a seguinte problematização: como podemos utilizar o celular como instrumento de ensino-aprendizagem de escrita?

De acordo com Dionne (2007, p. 20), “A pesquisa-ação é um instrumento prático de intervenção antes de ser uma forma de investigação.” E acrescenta que é um “modo de ação

* XI EVIDOSOL e VIII CILTEC-Online - junho/2014 - <http://evidosol.textolivre.org>

¹ Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Londrina – Paraná – Brasil
- edneaabernini@hotmail.com

antes de ser um método de pesquisa”. O que pode se configurar neste trabalho, por ser muito mais uma ação, em que se efetiva uma ação conjunta entre professora e alunos.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Partimos do pressuposto de que as tecnologias são essenciais para o desenvolvimento de um trabalho preocupado com o ensino/aprendizagem, diante do momento histórico em que estamos imersos. Ao utilizarmos os mais diversos recursos disponíveis, buscamos maior motivação e inclusão das tecnologias neste processo, incorporamo-las e, por meio delas, propiciamos aos alunos momentos para expressão de ideias, a produção de conhecimento, a comunicação, a interação social, o letramento digital.

O impacto desses recursos na vida do aluno, assim como a influência que exercem nos modos de recepção e interpretação do mundo são fatores que justificam uma abordagem pedagógica dos mais diversos recursos. De acordo com Carvalho (2009, p.44), “Há uma grande gama de materiais didáticos, em vários suportes, que podem ser utilizados pelo professor em sua sala de aula. Esses materiais, bem empregados, podem enriquecer muito o ensino-aprendizagem”. Os materiais podem e devem mediar a aprendizagem, pois permitem envolver os alunos em situações concretas de estudo, cuja realização implica a aprendizagem de procedimentos, valores e atitudes característicos do fazer estudantil. No entanto,

Quaisquer que sejam os materiais utilizados pelo professor na sua prática docente, desde os mais simples, (...) até os mais sofisticados, (...), no fim, é sua atuação como professor que é realmente decisiva para propiciar a aprendizagem e, mais geralmente, a educação de seus alunos. Todo o resto são ferramentas postas à sua disposição para uso judicioso. (op.cit p. 49).

Enfatizamos esse uso acertado, sensato, pois as tecnologias estão presentes em nossas aulas, mas mais uma vez

O uso das tecnologias enriquece o processo de ensino- desde que utilizados de forma adequada, de modo contextualizado, para que tenha incidência sobre a aprendizagem dos alunos. A utilização de recursos digitais no espaço escolar é recente e gera desafios aos professores. (FERREIRA, 2009, on line).

O computador, o celular, como o livro ou qualquer outro material didático que usamos, é apenas e tão somente: um meio. Qualquer instrumento de ensino, desde o mais simples até o mais altamente elaborado, depende de quem o usa e de como isso é feito, pois cabe ao professor diversificar a sua abordagem dependendo do conteúdo curricular e dos objetivos propostos. Portanto, a criação de ambientes de aprendizagem com a presença das tecnologias significa utilizá-las adequada e oportunamente para a representação e a articulação entre pensamentos e a realização de ações com vistas a novos conceitos, nova compreensão, como produtor de novos conhecimentos. Se vivemos um momento em que na prática pedagógica há a ênfase na construção de significados, na contextualização, no diálogo em sala de aula, os recursos midiáticos e tecnológicos precisam estar presentes nesta prática.

Diante disso, o aluno não pode ser visto como mero receptor, passivo, mas como um dos responsáveis pela interação, por isso as atividades desenvolvidas em sala devem considerar o que o aluno sabe, o seu conhecimento prévio, as suas experiências, as suas leituras, os seus domínios, inclusive dessas tecnologias. E o professor precisa estar preparado

para este momento, para fazer uso acertado desses recursos, liberando-se um pouco do livro didático (ainda tão fortemente presente), com vistas à formação dos alunos.

Em relação à escrita, ao nos preocuparmos com a atividade que a envolva, além de nos preocuparmos com o letramento de nosso aluno, estaremos fugindo do que Irlandé Antunes (2003) alerta sobre uma prática de escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão, na qual o que conta é a tarefa de realizá-la, não importando ‘o que se diga’ e o ‘como se faz’. Assim ao propormos ao aluno a produção escrita, precisamos dar suporte para que ele ‘tenha o que dizer’, as palavras são apenas a mediação, ou o material com que se faz a ponte entre quem escreve e quem lê. Portanto, se “faltam as ideias, se falta a informação, vão faltar as palavras” (ANTUNES, 2003, p. 45).

Para Antunes (2003), a maturidade na atividade de escrever textos adequados e relevantes “é uma conquista inteiramente possível a todos – mas é ‘uma conquista’, ‘uma aquisição’, isto é, não acontece gratuitamente, por acaso, sem ensino, sem esforço, sem persistência.” E mais “Supõe orientação, vontade, determinação, exercícios, prática, tentativas (com rasuras, inclusive!), aprendizagem” (ANTUNES, 2003, p. 60). E finaliza afirmando que exige tempo. Acrescentamos aqui que exige tempo do aluno para dedicar-se desde o planejamento, a escrita propriamente e a revisão, como demanda tempo para crescimento e amadurecimento para cada vez mais escrever de forma competente, ampliando as possibilidades de escrever os mais variados gêneros discursivos. Mas exige tempo também do professor para planejamento da atividade, motivação, orientação, correção, reorientação.

Durante as aulas e utilizando-se dos recursos tecnológicos, o professor pode criar momentos para leitura, reflexão, discussão e produção textual (oral e escrita). Convém ressaltar que “Durante a produção de texto, o estudante aumenta seu universo referencial e aprimora sua competência de escrita, apreende as exigências dessa manifestação linguística e o seu sistema de organização próprio” (PARANÁ, 2008, p. 34). Para Antunes (2003), explorar a escrita contém implicações pedagógicas que incluem os alunos como autores. Além disso, a revisão do texto é uma das etapas na “produção adequada de textos” (ANTUNES, 2003, p. 162) e deve constituir-se numa rotina escolar.

A partir dessa reflexão teórica acerca dos recursos e da prática docente, levantamos a seguinte problematização: como podemos utilizar o celular como instrumento de ensino-aprendizagem de escrita?

2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS REGISTROS

Ao repensarmos a prática pedagógica, repensamos em como está a utilização dos mais diversos recursos em situações de ensino e aprendizagem. Por isso, propusemos uma atividade docente utilizando o celular como um dos suportes para a escrita. A partir de um comando de escrita, propusemos aos alunos de duas turmas de 8º ano de um colégio estadual da cidade de Marialva – Paraná, a produção de uma mensagem para ser enviada via celular.

Para que os alunos se sentissem seguros da proposta e da liberação (visto que seu uso é proibido) para utilização do celular, a primeira atividade foi que escrevessem uma mensagem qualquer a um amigo. A segunda proposta foi determinada por um comando: “Utilizando o seu celular, crie uma mensagem para enviar para um colega da sala que tenha faltado na aula; avisando-o sobre a atividade proposta pela professora de Português: a pesquisa em dupla sobre um tema e a apresentação oral que será feita em sala. Faça de conta que ele será o seu parceiro(a) na dupla.”

Na sequência foi pedido que reproduzissem a mesma mensagem exatamente como havia sido escrita no celular, mas em uma folha de papel. Depois foi proposto que

reescrevessem esta mensagem fazendo as adequações, correções linguísticas que julgavam necessárias, caso esta mesma mensagem fosse enviada por meio de uma folha de papel, portanto, os alunos precisavam considerar um novo suporte. Em seguida, foi pedido aos alunos que mediante conhecimentos sobre a língua justificassem as correções realizadas, conforme alteração de suporte, visto que o interlocutor era o mesmo.

Com a aplicação desta atividade, pudemos observar que o celular pode ser um recurso aproveitável em sala, tanto para comunicação entre os alunos – avisar de atividades desenvolvidas em sala para um aluno que tenha faltado, por exemplo; como para a produção escrita. No caso específico da atividade desenvolvida com esta turma, eles escreveram, reescreveram e refletiram sobre suas escritas.

Apresentaremos algumas justificativas² dos alunos, para as quais esperávamos maior reflexão sobre a linguagem, pois o que mais se destacou foi a mudança de suporte, talvez, em função de nunca terem utilizado o celular como recurso pedagógico:

- (1) No celular eu escrevo diferente porque é muito mais rápido e prático. Se eu fosse escrever corretamente, eu iria demorar muito tempo e eu não tenho muita paciência. E também é meio automático escrever assim, quando eu vejo, já mandei.
- (2) Muitas vezes se modificam as palavras para que seja mais fácil e rápido de escrever, como por exemplo: blz – beleza; hj – hoje.
- (3) Eu corriji na mensagem as abreviações que tinha, exemplo: Jao, prof, p/, oq, vc, msg deixando elas completas como João, professora, para, oque, você, mensagem. As pessoas colocam assim no celular para não demorar muito tempo digitando e para responder mais rápido.
- (4) Escrevo errado ou abreviado para ser mais rápida. Pois não dá para escrever tudo certinho, sem gastar muito tempo. E muitas vezes mandamos durante aula sem a permissão dos professores. E também é questão de costume.
- (5) Eu abrevio as palavras e não coloco acento para poder escrever mais rápido.
- (6) Abreviei as palavras: Lu, prof, fl, sob, ã e bjos, pois envia mais rápido e é prático para a pessoa ler.

Pelas justificativas apresentadas, a maior parte dos alunos argumenta a favor da rapidez, mesmo estando conscientes dos “erros” cometidos. Alguns relacionam a forma de escrita abreviada e erros à preguiça:

- (7) Porque para mim é mais fácil eu escrever abreviado do que escrever a palavra normal, também um pouco é preguiça de escrever a palavra certa, é também um costume de escrever abreviado.
- (8) Porque temos preguiça de escrever a palavra correta, inteira. E no papel principalmente prova escrevemos certo porque vale nota. Eu sou de abreviar as palavras e escrever errado.
- (9) Porque tem palavras compridas e temos preguiça de escrever e no papel temos que escrever certas principalmente em trabalho e prova.

Essas alunas demonstram estar conscientes de seu papel social, ou seja, aluna em processo, que precisa dominar a língua e são avaliadas por meio de sua escrita. Outros alunos destacam a possibilidade de escrita diferente, em função do suporte:

- (10) No celular eu escrevo diferente, com erros de ortografia, pra a mensagem ser menor e mais rápida, pra eu e a pessoa que eu estou conversando termos mais tempo para nos falarmos.

² Em função de espaço, nem todas serão analisadas, mas estas são representativas de nosso corpus. Além disso, as escritas dos alunos serão apresentadas exatamente como eles escreveram.

- (11) No celular, agente manda abreviado porque as pessoas pensam que fica bonito e no papel as pessoas escrevem certo porque não tem a mesma graça do que no celular e na mensagem.
- (12) Pois é uma forma de se comunicar mais rapidamente e com mais facilidade. E os aparelhos eletrônicos possibilitam a escrita de uma forma mais ágil. Mesmo de forma incorreta.
- (13) No celular eu escrevo coisas sem acento e com abreviações, pois o celular dá essa possibilidade de escrever do jeito que queremos.
- (14) É muito mais prática escrever desse jeito e a maioria das pessoas entendem.

Mas algumas justificativas dos alunos são quanto ao uso da linguagem:

- (15) Na folha escrevemos certo, porque tem que ser escrito certo porque talvez a pessoa não entenda e tem que ser uma escrita formal.
- (16) Eu mudei a palavra prof para professora pois ela não saberia qual o sexo do professor que no caso é mulher. Mudei também a palavra p/ pois ela não saberia se era pois ou porque ou então seria a palavra pra. Mudei a palavra fazer porque eu acho que não faria muita diferença pois o z sozinho e com a letra e do lado tem o mesmo efeito. Mudei a palavra vc pois com vc ou você faria o mesmo sentido.
- (17) Eu simplesmente corriji as palavras escrevendo-as inteiras e escrevi as palavras corretamente.

Ao observarmos as escritas e reescritas dos alunos, percebemos que alguns têm consciência da diferença de suporte, bem como da possibilidade de linguagem diferentes. Além disso, uma nova reescrita, num segundo momento, orientada pela professora poderia acontecer, pois algumas marcas de oralidade ainda são observadas no texto escrito, bem como ausência de pontuação e acentuação, mesmo depois da reescrita, o que não foi foco deste primeiro momento. Isso pode ser observado no exemplo a seguir:

- (18) Aline a prof já marco o dia q nois vai no laboratório pra pesquisa sobre aquele trabalho de port que ela passo.
- (19) Aline a professora de português já marcou o dia que nois vamos para o laboratorio de informatica pra nois pesquisarmos sobre aquele trabalho que ela passou.

Além disso, na justificativa desta aluna não fica marcada a consciência de seus usos, apenas que fica melhor escrito:

- (20) Com as correções que realizei, percebi que além da mensagem ficar maior dá para entender mais a linguagem escrita. Compreendendo a linguagem definimos que fica melhor correta a linguagem.

Novas propostas de escrita poderiam ser desenvolvidas por meio do uso do celular e escritas, reescritas, análises de escrita de outros colegas poderiam ser feitas, com o objetivo de desenvolverem a criticidade e consciência das possibilidades da língua em diferentes suportes e, principalmente, de sua forma de ação social, por meio da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a aplicação desta proposta, pudemos observar que o celular pode ser um recurso aproveitável em sala, tanto para comunicação entre os alunos – avisar de atividades desenvolvidas em sala para um aluno que tenha faltado, por exemplo; como para a produção

escrita. No caso específico da atividade desenvolvida com esta turma, eles escreveram, reescreveram e refletiram sobre suas escritas.

O importante não é o que a tecnologia pode acrescentar, mas o que as pessoas podem fazer com ou sem tecnologias. Uma cultura do letramento digital dependerá do envolvimento da grande maioria dos envolvidos no processo educativo, gestores, professores e alunos; encaminhando-se para a democratização da tecnologia, para a inclusão digital. Primeiramente, através de professores mais bem preparados e seguros, visto que já dominam um conteúdo científico, para depois se estender aos alunos, por meio de equipamentos e programas de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CARVALHO, João Bosco Pitombeira de. **Impressos e outros materiais didáticos em sala de aula**. Disponível em <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/151007MateriaisDidaticos.pdf>> acesso em 14/06/2009.

DIONNE, H. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Trad. Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FERREIRA, Patrícia Vasconcellos Pires. **O computador nas escolas**. Disponível em <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=37>> acesso em 07/2009.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa** para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Curitiba, 2008.